

## A CONSTITUIÇÃO DA MULHER NEGRA NO CONTEXTO DO CUIDADO DOMICILIAR: REVISÃO NARRATIVA

CAMILA TRINDADE COELHO<sup>1</sup>; STEFANIE GRIEBELER OLIVEIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – [trielho\\_camilla@hotmail.com](mailto:trielho_camilla@hotmail.com) 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas 2 – [Stefaniegriebeleroliveira@gmail.com](mailto:Stefaniegriebeleroliveira@gmail.com) 2

### 1. INTRODUÇÃO

Problematizar a figura da mulher na sociedade brasileira, analisando o racismo e sexismo de forma unificada e não fragmentada, torna-se possível para compreender as violências que são refletidas nas mulheres. Isso acontece, sobretudo, nas mulheres negras, a partir de estereótipos como cozinheira, faxineira, servente ou prostituta, revelando as marcas do racismo (GONZALEZ, 1984).

Lélia Gonzalez (1984) deu início para essa análise social no Brasil, antes mesmo da existência do termo interseccionalidade, cunhado por Kimberly Crenshaw (1989) que atualmente é utilizado como base teórica, que identifica as questões raciais, de classe e gênero. Além disso, utilizado como cruzamento das opressões que atuam na centralidade das relações que estruturam a sociedade, limitando as oportunidades na vida das mulheres negras (CRENSHAW, 1989).

Ademais, condicionamentos que levam até os dias atuais, uma reflexão do lugar que a mulher negra ocupa, no qual, foi direcionada para a subserviência e labor do cuidado. Desse modo, ao pensar no envelhecimento populacional, que sucede um acréscimo nas doenças crônicas na população, como doenças cerebrovasculares, cardiovasculares, diabetes mellitus, dislipidemias, neoplasias, doenças respiratórias obstrutivas conforme citado pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005). Logo, atinge sujeitas e sujeitos de todas as camadas socioeconômicas, e de maneira mais abrangente nos grupos vulneráveis, de baixa renda e com pouca escolaridade (OMS, 2005).

Um meio de atender a essa incidência crescente de doenças crônicas é a Atenção Domiciliar (AD). De acordo com a Portaria nº 963, de 27 de maio de 2013, a AD é vista como uma modalidade nova de atenção à saúde, substitutiva e somando com as já existentes. Integrada à Rede de Atenção à Saúde (RAS), caracterizada por um conjunto de ações de prevenção, promoção e tratamento de doenças, prestadas em domicílio, garantindo continuidade de cuidados que possibilita a desinstitucionalização de pacientes que estão internados, evitando a hospitalização (BRASIL, 2016).

Na cidade de Pelotas, o Hospital Escola da UFPel (HE UFPel) é um dos pioneiros em AD, possuindo equipes multidisciplinares através do Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar (PIDI) desde 2005. Além disso, existe também o Programa Melhor em Casa que contém três equipes multidisciplinares de atenção domiciliar (EMAD) e uma equipe multidisciplinar de apoio (EMAP). Ambos atendem pessoas com múltiplas patologias, a atenção domiciliar é uma política estratégica para o município, impactando indicadores como desospitalização e humanização, atendendo cerca de 150 pacientes ao mês.

O(a) cuidador(a) familiar é um pilar para a realização dos cuidados, das tarefas domésticas, orientações, quem faz as escolhas revelantes para a organização do paciente e sua família, sendo a ligação entre profissionais de saúde e a pessoa cuidada (FERRÉ-GRAU et al., 2011). Abordo neste estudo, questões

sociais que me atravessam a partir do meu lugar de fala, enquanto mulher, negra, enfermeira, aluna no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPel e de quem cuidou de um familiar em adoecimento.

Este trabalho objetiva apresentar a constituição da mulher negra no contexto do cuidado domiciliar: revisão narrativa, esta discussão faz parte da dissertação intitulada “Mulheres negras cuidadoras familiares: reflexões Interseccionais para à enfermagem”.

## 2. METODOLOGIA

Esse estudo trata-se uma pesquisa bibliográfica, recorte de uma revisão narrativa que trata da constituição da mulher negra no contexto do cuidado domiciliar.

O trabalho foi pensado, a partir da proposta de dissertação “Mulheres negras cuidadoras familiares: reflexões Interseccionais para à enfermagem”, que será realizada com cuidadoras familiares vinculadas com o serviço da Atenção Domiciliar do Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa foi composta por busca livre em dissertações, artigos científicos, portaria, livros e leis que remetem ao tema.

Foram encontrados estudos em 2020, 2021 e 2022 que discorrem sobre os aspectos da experiência das mulheres negras cuidadoras familiares, desde as concepções das camadas opressivas, direcionando para a mulher negra o cuidado desde o período escravista no Brasil colonial refletidos até os dias atuais, dentre questões contemporâneas como a Covid-19 atingindo pessoas em vulnerabilidade social.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Encontrei na minha revisão narrativa, resultados que identificam a necessidade de discutir e problematizar o cuidado ocidental. Estruturado por imposições sociais, colocando mulheres na subserviência dentro das suas relações, seja com seus familiares, no ambiente de trabalho ou no cuidado para com os outros.

Como na pandemia de Covid-19 SARS-COV-2, que atingiu diretamente pessoas em desvantagem social, residentes das periferias, favelas e que precisavam continuar com o seu trabalho, como entregadores de alimentos, motoristas de aplicativos e empregadas domésticas. Sendo em grande parte composta por pessoas negras e pardas, a questão de classe, raça e gênero atreladas aos marcadores sociais que identificavam essas pessoas mais expostas ao vírus (SANTOS, 2020).

No Brasil esta população é marginalizada e vulnerabilizada, ademais sendo 67% das pessoas SUS-dependentes (SANTOS, 2020). As mulheres ocupando parte deste grupo em vulnerabilidade ao entender que está responsável por sua família e seu cuidado, com valores e sentimentos de obrigação e influência religiosa (MEIRA et al, 2017).

Nesse sentido, a identidade de gênero é uma construção que direciona os aspectos das pessoas, como masculino ou feminino, dentro das conjunturas sociais e psicológicas. No contexto do cuidado, o gênero feminino predisposto ao labor do cuidado, ocorrendo nas cuidadoras um sofrimento, ocasionando depressão, isolamento social, exaustão física e psicológica (MEIRA et al, 2017).

Contudo, experiências sociais que detêm particularidades, para além da individualidade como as mulheres negras no trabalho e na sociedade, executando funções no campo do cuidado que no período colonial era evidenciado pela produção de vida nas famílias no Brasil colônia. Até hoje, sendo representado de forma compulsória, em condições sociais precárias, sendo intrínseco nas relações sociais vigentes na sociedade brasileira (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2021).

As cuidadoras familiares são mulheres, que executam o cuidado de quem foi afetado por qualquer deficiência, na qual incapacita o desenvolvimento natural das atividades vitais e suas relações sociais. Contudo, torna-se necessário pensar neste cuidado, que sobretudo, para mulheres negras onde as relações sociais reproduzem violência na efetividade e subjetividade, que Segundo Carneiro (2003) uma agressividade velada, advinda da hegemonia branca ocidental.

Com a dissertação mulheres negras cuidadoras familiares: reflexões interseccionais para a enfermagem, entendo este direcionamento para ocupações no domicílio, ademais, sendo conduzida de acordo com Hirata (2014) para realizar tradicionalmente e gratuitamente o cuidado na esfera doméstica e familiar.

#### 4. CONCLUSÕES

Desta forma, compreende-se que as mulheres negras são direcionadas para realizar o cuidado do familiar doente no domicílio, desde uma construção histórica, ao ser subjugada, até os dias atuais. A partir disso, é necessário pensar em estratégias de diminuição da sobrecarga, dando enfoque a mulher negra cuidadora, identificando suas perspectivas, rotina de cuidados e ademais relacionando com determinantes sociais de classe, raça e gênero.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, V.S.; OLIVEIRA, R.B. “Cuida de quem te cuida”: a luta das trabalhadoras domésticas durante a pandemia de covid-19 no Brasil. **Trabalho Necessário**, v.19, n.38, 202.

BRASIL. **Portaria nº 825, de 25 de abril de 2016**. Redefine a atenção domiciliar no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

CARNEIRO, S. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2003.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, **Feminist Theory and Antiracist Politics**. University Of Chicago, Chicago, p.139-167, 1989.

FERRÉ-GRAU, C.; RODERO-SÁNCHEZ, V.; CID-BUERA, D.; VIVES-RELATS, C.; APARICIO-CASALS, M. R. **Guía de Cuidados de Enfermería: Cuidar al Cuidador em Atención Primaria**. Tarragona: Publidisa, 2011.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 26, n. 1, 2014.

MEIRA, E. C.; REIS, L. A.; GONÇALVES, L. H. T.; RODRIGUES, V. P.; PHILIPP, R. R. Vivências de mulheres cuidadoras de pessoas idosas dependentes: orientação de gênero para o cuidado. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde** / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60 p.

SANTOS, M.P.A; NERY, J.S.; EGOES, E.F.; SILVA, A.; SANTOS, A.B.S.; BATISTA, L.E.; ARAUJO, E.M. População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. **Estudos Avançados**, v.34, n.99, 2020.